

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Trad.: Maria T. da C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. 3ª edição. Trad.: Maria T. da C. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GIORDANI, Mário Curtis. *História de Roma- Antiguidade Clássica II*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1968.

GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma*. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1991.

LONGUS. *Dáfnis e Clóe*. Campinas: Pontes, 1990. Tradução de: Denise Bottmann.

PETRÔNIO. *Satíricon*. [S.l.]: Editora Três, 1994.

VAYNE, Paul. *O Império Romano*. Trad. Hildigard Feist.

In: ARIËS, Philippe; DUBY, George (Org.). Trad. Hildigard Feist. *História da vida privada*. v. 1 São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *A Homossexualidade em Roma*. Trad. Hildigard Feist. In: ARIËS, Philippe; BEJIN, André (Org.). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

²Esse termo foi criado por Filostrato, sofista ateniense do século III d.C, e designava as atividades dos oradores que viajavam pelo Império Romano, dando palestras em troca de pagamento. São entretanto, diferentes dos sofistas pensadores dos séculos V e IV a.C, que adotavam posturas políticas e filosóficas mais incisivas.

⁴Fundado por Zenão de Citium por volta de 334-262 a.C. Para os estoícos, a filosofia é a solução do problema da vida, em outras palavras, a filosofia é cultivada exclusivamente em vista da moral, para firmar a virtude e, logo, para assegurar ao homem a felicidade. Eles crêem em uma ética do dever; não são filósofos, mas pragmatistas, moralistas. No pensamento dos estoícos, o fim supremo e único bem do homem, não é o prazer, a felicidade, mas a virtude como bem imediato. A paixão é má, já que é irracional, mórbida e um vício da alma. A única atitude do sábio estoíco deve ser o aniquilamento da paixão até a apatia.

⁵Termo que designa a Doutrina de Epicuro, filósofo materialista grego (341-270 a.C.), na qual o bem soberano estaria nos prazeres praticados de maneira virtuosa para a saúde do corpo e sossego do espírito. Portanto, é um equívoco identificar o epicurismo com o hedonismo, sensualidade, luxúria.

⁶Diz-se do gênero literário de origem espanhola (séc. XVI e XVIII) que tem como protagonista, o pícaro, herói astuto, artiloso e patife, que vive às custas das várias classes da sociedade, o anti-herói. Assim, podemos perceber que mesmo não sendo “picaresco” um termo conhecido no séc I d.C, ele já existia.

⁷Mistura de prosa e verso em que o autor, com um olhar distante, mistura a seriedade ao riso para censurar os costumes, as instituições e as idéias contemporâneas em estilo irônico ou mordaz. É uma composição poética que visa a censura ou ridicularizar defeitos ou vícios. Utilizada pela primeira vez por Menipo de Gadara.

⁸Contos eróticos para homens. De ou pertencente a Mileto, antiga cidade jônica na Ásia Menor. Ou, ainda, pertencente ou relativo aos milésios ou às doutrinas. Os pensadores Tales (640-545 a.C), Anaximandro (610-547 a.C.) e Anaximenes (588-524 a.C.) da cidade de Mileto.

EUFEMISMOS BÍBLICOS RELATIVOS AO SEXO E À MORAL

Prof. Dr. Francisco de Assis Florêncio (UERJ).

RESUMO

O nosso trabalho tem por objetivo trabalhar os eufemismos bíblicos relativos ao sexo e à moral. Para tanto, partimos do texto da Vulgata, texto este que grandemente influenciou e continua a influenciar as versões portuguesas. A título de cotejo, além do texto latino, fizemos uso de duas versões portuguesas: Almeida Revista e Atualizada e a Almeida Revista e Corrigida.

Palavras-chave: Vulgata, eufemismos bíblicos, Latim.

INTRODUÇÃO

Muitos são os eufemismos bíblicos para falar de sexo e moral. Por ser um livro sagrado para os cristãos e, no que se refere ao Velho Testamento, também sagrado para os judeus, a Bíblia foi escrita e continua a ser traduzida com muito zelo e cuidado. Assim sendo, palavras e expressões que poderiam causar escândalo e arrepio nos crentes são tratadas de maneira cautelosa e, muitas vezes, amenizadas. Para isso, recorre-se a uma figura de linguagem denominada eufemismo, do grego *εὐφημισμός* em que *eu* significa “bom”, “agradável”, presente também em *elogio* e *evangelho* e de *pheme*, “falar”, portanto “falar coisas boas, agradáveis”, como no exemplo “Entregar a alma a Deus”, ou seja, “morrer”. A Bíblia emprega de maneira significativa esta figura e é, por isso, que nos interessamos em abordar o seu emprego no contexto bíblico. O nosso ponto de partida foi a Vulgata, versão bastante literal, tanto em relação ao texto hebraico quanto ao grego. Ao procurarmos eufemismos relativos ao sexo e à moral nesta versão, ficamos surpresos ao percebermos que ela, diferentemente do que se poderia esperar, é menos eufêmica que as versões portuguesas por nós consultadas. As versões que serão utilizadas como fonte de cotejo são a Almeida Revista e Atualizada (ARA) e a Almeida Revista e Corrigida (ARC). Vale, por fim, ressaltar que o texto sacro nos legou pelo menos dois vocábulos que dizem respeito à moral e a práticas sexuais: onanismo e sodomia. O primeiro, deriva do nome próprio Onã e significa “masturbação masculina”. A sua origem se dá no fato de Onã, por não querer engravidar sua mulher, viúva de seu irmão, ejacular fora dela todas as vezes que a possuía, sendo considerada, tal prática, um tipo de masturbação. O segundo, sodomia, definido pelo Aurélio como “cópula anal, principalmente com mulher”, surgiu graças ao comportamento imoral e devasso dos habitantes de Sodoma e Gomorra.

ANÁLISE DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES

A primeira palavra a ser analisada é **VÂS, VÂSIS**, que, literalmente, significa “vaso”, “recipiente”. No latim clássico, porém, ele, assemelhado a uma ânfora, fazia lembrar a genitália do homem, pois as duas asas da ânfora eram semelhantes ao escroto e o seu centro, a um pênis. É a partir deste significado que comentaremos a passagem de I Samul 21:5.

Vulg: ... et fuerunt **vasa** puerorum sancta. Porro via haec polluta est, sed et ipsa hodie sanctificabitur in **vasis**.

ARA: Respondeu Davi ao sacerdote e lhe disse: Sim, como sempre, quando saio à campanha, foram-nos vedadas as mulheres, e **os corpos** dos homens não estão imundos. Se tal se dá em viagem comum, quanto mais serão puros hoje!

ARC: E respondeu Davi ao sacerdote e lhe disse: Sim, em boa fé, as mulheres se nos vedaram desde ontem; e, anteontem, quando eu saí, **o corpo** dos jovens também era santo; e em alguma maneira é pão comum, quanto mais que hoje se santificará *outro* no **corpo**!

Vemos, então, que para a palavra latina *vas, vasis*, genitália masculina, as duas versões portuguesas fogem de uma tradução literal e, para não explicitar esta parte do corpo, recorrem à metonímia e o todo substitui a parte.

A segunda palavra a ser estudada ainda se encontra em voga em nossos dias com forte apelo sexual: **LUMBUS, I**. No Brasil, em particular na linguagem chula, os homens costumam dizer, em referência a uma mulher com as cadeiras largas: “Que lombo!” No latim clássico já era comum o emprego deste vocábulo para designar a genitália, só que, diferentemente do que se faz no Brasil, ele apontava geralmente para a genitália masculina. No latim cristão, os “lombos” designam a fonte de procriação masculina, sendo, por isso, sinônimo de genitália. Esta interpretação já era encontrada em São Jerônimo, em sua *Epistola XXII, Ad Eustochium, filiam Paulae*, onde ele assim se pronuncia a respeito dos lombos: “Honeste viri mulierisque genitalia immutatis sunt appellata nominibus. Omnis igitur adversos viros diaboli virtus in lumbis est;...” Esta passagem não só corrobora a idéia de lombo como genitália masculina, mas também o apresenta como a parte do corpo escolhida pelo Diabo para atacar o homem, segundo o conceito popular e não bíblico de que “a carne é fraca”.

Hebreus 7:10 é a primeira passagem a testificar o que até aqui foi dito:

Vulg: adhuc enim in lumbis patris erat quando obviavit ei Melchisedech.

ARC: Porque ainda ele estava nos lombos de seu pai, quando Melquisedeque lhe saiu ao encontro.

ARA: Porque aquele ainda não tinha sido gerado por seu pai, quando Melquisedeque saiu ao encontro deste.

A segunda passagem é Jó 40:16:

Vulg: Virtus eius in lumbis et potestas eius in umbilico.”

ARA: Sua força está nos seus lombos, e o seu poder, nos músculos do seu ventre.

ARC: Eis que a sua força está nos seus lombos, e o seu poder, nos músculos do seu ventre.

A terceira análise não diz respeito a uma palavra e sim a uma expressão:

POST CARNEM ALTERAM (após outra carne). A expressão aparece apenas em Judas 1:7 e é empregada para criticar o comportamento devasso dos habitantes de Sodoma e Gomorra. O contexto a que Judas faz referência é Gênesis 19, onde os habitantes das duas cidades querem manter relações sexuais com dois homens, na verdade anjos, que se encontravam na casa de Ló. A expressão em epígrafe é usada pelo autor sacro para designar o tipo de relação sexual que poderia ocorrer, ou seja, a união entre seres humanos e seres divinos. Comparemos agora as versões: Vulg: sicut Sodoma et Gomorra et finitimae civitates simili modo exfornicatae et abeuntes post carnem alteram factae sunt exemplum ignis aeterni poenam sustinentes

ARA: como Sodoma, e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se entregado à prostituição como aqueles, seguindo após outra carne, são postas para exemplo do fogo eterno, sofrendo punição.

ARC: assim como Sodoma, e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se corrompido como aqueles e ido após outra carne, foram postas por exemplo sofrendo a pena do fogo eterno.

Embora as duas versões sigam literalmente o texto da Vulgata, algumas versões modernas, como a Nova Versão Internacional (NVI), substituem a expressão em estudo por “relações anti-naturais”.

Por fim aparece um verbo: **COGNOSCERE**. É o mais conhecido no contexto bíblico para designar relação sexual. Pode ser empregado, porém, tanto para se referir a relações sexuais consideradas lícitas, a saber, aquela dentro do casamento entre a mulher e o marido, quanto àquelas consideradas ilícitas ou anormais para os padrões bíblicos. No primeiro caso temos a passagem que se refere à Maria e José, conforme a narrativa de Mateus 1:25:

Vulg: et non cognoscebat eam, donec peperit filium, et vocavit nomen eius Iesum.

ARA: Contudo, não a conheceu, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus.

ARC: e não a conheceu até que deu à luz seu filho, o primogênito; e pôs-lhe o nome de JESUS.

Neste contexto, que é polêmico, pois trata da virgindade de Maria, é quase impossível empregar outro verbo para fazer referência ao que aconteceu ou poderia ter acontecido: um matrimônio sem mácula.

Se voltarmos, porém, ao episódio de Sodoma e Gomorra (Gn 19:5), veremos que, embora o verbo ali empregado seja o mesmo, o seu significado não equivale à passagem de Mateus por se tratar de um tipo de relação considerada ilícita e anormal, seguindo os parâmetros bíblicos, daí a tradução na ARA de “abusemos”:

Vulg: Ubi sunt viri qui introierunt ad te nocte? Educ illos huc, ut cognoscamus eos.

ARA: e chamaram por Ló e lhe disseram: Onde estão os homens que, à noite, entraram em tua casa? Traze-os fora a nós para que **abusemos** deles.

ARC: E chamaram Ló e disseram-lhe: Onde estão os varões que a ti vieram nesta noite? Traze-os fora a nós, para que os conheçamos.

O substantivo **UMBILICUS, I** também se encontra na mesma epístola que citamos para falar de *lombos: Epistola XXII, Ad Eustochium, filiam Paulae*. São Jerônimo, ao falar da genitália masculina, recorre a *lumbus*, e ao falar da feminina, a *umbilicus*, acrescentando que é exatamente por esta parte do corpo que o Diabo procura atacar a mulher: “...omnis in umbilico contra feminas fortitudo.” Além da passagem já citada, Jó 40:16, há uma outra, Cantares de Salomão 7:2, que, dado o erotismo do livro, parece se referir à vagina.

Vulg: umbilicus tuus crater tornatilis, numquam indigens poculis.

ARA: O teu umbigo é taça redonda, a que não falta bebida;...

ARC: O teu umbigo, *como uma* taça redonda, a que não falta bebida;...

Se não houvesse a possibilidade de ser verdade o que até aqui dissemos sobre “umbigo”, não haveria a preocupação de se fazer, na “LA SAGRADA ESCRITURA”, o seguinte comentário sobre essa passagem: “Como en el resto de la descripción, se trata de un elemento externo de belleza y, por lo mismo, no puede pensarse en un eufemismo que se refiriese a los misteriosos secretos de la ‘vulva’”. Até hoje, com certeza, o ser humano tem certo pudor em falar e expor as suas necessidades fisiológicas, não poderia ser diferente, é claro, no contexto bíblico. Mais uma vez destacamos não uma palavra e sim uma expressão: **PURGARE VENTREM**. Vulg: et venit ad caulas quoque ovium quae se offerebant vianti eratque ibi spelunca quam ingressus est Saul ut purgaret ventrem.

ARA: Chegou a uns currais de ovelhas no caminho, onde havia uma caverna; entrou nela Saul, a aliviar o ventre.

ARC: E chegou a uns currais de ovelhas no caminho, onde estava uma caverna; e entrou nela Saul, a cobrir seus pés;

Fica claro, com as passagens acima, que a ARC, versão mais conservadora, é mais pudenda que a ARA, daí o uso do eufemismo “a cobrir os pés”. A ARA, ao contrário, deixando de lado a vergonha de apresentar um rei fazendo suas necessidades, segue literalmente o texto da Vulgata, valorizando, assim, a versão latina.

A última palavra a ser analisada é **UBER, -IRIS**. A sua análise é *sui generis*, pois, embora seja uma palavra corrente na Bíblia, o significado que a ela atribuiremos só ocorre em Cantares 1:1. Vamos às versões:

Vulg: osculetur me osculo oris sui; quia meliora sunt ubera tua vino.

ARA: Beija-me com os beijos de tua boca; porque melhor é o teu amor do que o vinho.

ARC: Beije-me ele com os beijos da sua boca; porque melhor é o seu amor do que o vinho.

Percebemos que o substantivo “ubera”, na Vulgata, é substituído nas outras duas versões por “amor”. A razão dessa diferença não se baseia em questões morais ou eufêmicas, mas sim na vocalização do texto hebraico. Sabe-se que o texto hebraico nos seus primórdios não possuía vogais e que, mais tarde, os massoretas produziram um texto com vocalização que ficou conhecido como Texto

Massorético. É aí que reside a raiz de toda confusão, pois, em hebraico, tanto a palavra “amor” quanto a palavra “mamilo” ou “seio” tem as mesmas consoantes: ã *daleth* no início e no final. Deste modo, temos: dôd (amor) e dad (mamilo, seio). Sendo as letras consonantais as mesmas, deduz-se que no tempo de Jerônimo (séc. IV e V), que segue a Septuaginta (mastoi), a forma dad prevalecia sobre dôd, o que, provavelmente, foi alterado com o advento do texto massorético (séc. VII).

Concluimos, enfim, este artigo na certeza de que muito contribuimos para a elucidação de algumas dúvidas que até então pairavam sobre as cabeças daqueles que se debruçam no estudo do texto sacro. Acreditamos, também, que demonstramos, de maneira simples, mas convincente, mas importante ainda é a Vulgata para os estudos bíblicos.

BIBLIOGRAFIA

A BÍBLIA SAGRADA. Português. *Bíblia Sagrada*. Traduzida por João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

A BÍBLIA SAGRADA. Português. *Bíblia Sagrada*. Traduzida por João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. corr. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ADANS, J. N. *The Latin Sexual Vocabulary*. Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1990.

BÍBLIA SACRA iuxta Vulgatam Clementinam. Ed. Preparada por COLUNGA, Alberto O. P., Et TURRADO, Laurentio. 10. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI*. Coordenação de edição, Margarida dos Anjos et alii. 5ª ed. Ver. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FOLCH GOMES, Cirilo. *Antologia dos Santos Padres: Páginas Seletas dos Antigos Escritores Eclesiásticos*. 4. ed. Coleção Patrologia 1. São Paulo: Paulinas.

LA SAGRADA ESCRITURA: Antigo Testamento IV, texto y comentario de Los Salmos y los Libros salomónicos. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, MCMLXIX.

Novo Testamento trilingüe: grego, português e inglês. Editor Luiz Alberto Teixeira Sayão. São Paulo: Vida Nova, 1998.

SEPTUAGINTA. Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes edidit Alfred Rahlfs. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 2003.